

EPISTEMOLOGIA DA COMPREENSÃO EM VIÉS NIETZSCHIANO

Mauro Araujo de Sousa

Doutor em Filosofia e Mestre em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)

Professor de Filosofia do Instituto Sedes Sapientiae e da Faculdade de Tecnologia de Mauá

E-mail: mauroade@yahoo.com

RESUMEN

La presentación de una epistemología de la comprensión en dirección nietzscheana torna necesario apuntar de qué modo el perspectivismo permite a la comprensión realizar interfaces entre varias áreas del conocimiento. Como método y en un abordaje perspectivista, una epistemología de la comprensión ampliará y conquistará la “objetividad” de que trata el filósofo alemán Friedrich Nietzsche en la obra *La genealogía de la moral*. Así, una teoría del conocimiento de la comprensión apunta comprender, en cuanto método y también en cuanto conocimiento, la manera por la cual conseguirá realizar, de un asunto, un abordaje múltiple, multiangular y multiperspectivo.

Palabras clave: Comunicación, la comprensión como método, epistemología, perspectiva, comprensión y devenir.

RESUMO

A apresentação de uma epistemologia da compreensão em viés nietzschiano torna necessário apontar de que modo o perspectivismo permite à compreensão realizar interfaces entre várias áreas do conhecimento. Como método e numa abordagem perspectivista, uma epistemologia da compreensão ampliará e conquistará a “objetividade” de que trata o filósofo alemão Friedrich Nietzsche na obra *A genealogia da moral*. Assim, uma teoria do conhecimento da compreensão visará compreender, enquanto método e também enquanto conhecimento, a maneira pela qual conseguirá realizar, de um assunto, uma abordagem múltipla, multiangular e multiperspectivista.

Palavras chave: Comunicação, a compreensão como método, epistemologia, perspectivismo, compreensão e devir.

ABSTRACT

Presenting an epistemology of comprehension under a Nietzschean

perspective calls for pointing how perspectivism allows comprehension as a method for establishing interfaces between several fields of knowledge. Under a perspectivist method and approach, an epistemology of comprehension will expand and conquer the “objectivity” with which German philosopher Friedrich Nietzsche deals in *On the genealogy of Morality*. Thus, a comprehensive theory of knowledge shall comprehend, as a method and also as knowledge, the manner through which it shall reach a manifold, multangular and multiperspectivist approach on a subject.

Keywords: communication, comprehension as a method, epistemology, perspectivism, comprehension and becoming.

EPISTEMOLOGIA DA COMPREENSÃO EM VIÉS NIETZSCHIANO

Compreensão: método e conhecimento em comunicação

Como a compreensão enquanto método conquistará de fato a condição de método e de conhecimento? Como ela, nesse caso, agirá de modo multiangular, sem se perder e alcançando ao mesmo tempo a tão propalada “objetividade” da qual trata o filósofo alemão Friedrich Nietzsche em seu perspectivismo (*Perspektivismus*) (2002a, p. 108-109. Convenção Internacional Colli/Montinari: GM/GM, III, § 12)?

É este o objetivo maior do texto que aqui proponho: mostrar que a base epistemológica da compreensão como método visa permitir que cada ponto de diálogo, como ponto estudado, pesquisado, possa alcançar o máximo de ângulos de interpretação e ser olhado, capturado, em sua multiplicidade, pluralidade, diversidade.

Situamo-nos, assim, no âmago da discussão em que o objeto de pesquisa se faz caminho através do qual o conhecimento se consolida como conhecimento não limitado, mais, como conhecimento pelo qual as outras áreas do saber têm que passar para que —pela via da compreensão como método, que promove o diálogo dentro do próprio conhecimento—, se configurem em conhecimento dialógico. Com isso se mantém sempre aberto o diálogo entre essas mesmas áreas e disciplinas, evitando desse modo o contrassenso positivista e cientificista a que não poucas vezes a própria Academia se submete.

Esse contrassenso costuma se dar em nome de outra objetivação que, ao invés de trazer clareza e diálogo entre disciplinas e áreas, traz, outrossim, uma série nefasta de incompreensão, relativizando, no pior sentido que esse termo possa ter, o que não cabe no interior desse esteio positivista, cientificista e, claro, dogmatizando uma visão curta de ciência.

Não por acaso o tecnicismo tem avançado, e bastante, em nossa época. É o reducionismo da técnica e do tecnológico a uma ferramenta pura e simples de um mercado suicida, em que tudo, inclusive o conhecimento, é transformado em mercadoria. Nesse local, o diálogo remete a um comprar e a um vender, sendo essa a linguagem predominante. Ora, uma epistemologia da compreensão, de imediato, coloca-se contra essa diminuição ou redução do conhecimento. E é justamente aí que a epistemologia da compreensão se sustenta em sua dimensão multiperspectivista, para um diálogo que vai muito além de um discurso entre duas partes.

Perceba-se que se trata de um diálogo diferenciado, um diálogo em que o múltiplo, o plural e o diverso encontram-se sempre presentes. É a expansão do diálogo e da

manutenção de sua identidade como abertura para acolher interpretações que se fizeram conhecimento. Aliás, toda interpretação é um efetivar de relações de que cada ponto de vista precisa para manter sua finalidade de se afirmar perspectivista, ou perspectivado. Trata-se de entender, em especial, o que é cada relação e o que cada relação exige quando entra em ação essa forma de comunicação que é a compreensão enquanto método.

Vontade de potência em transversalidade

Incorporando o perspectivismo de Nietzsche, a compreensão também fará juízo de si mesma a partir de outras perspectivas do conhecimento (*Wissensperspektiven*). Ou seja, o filósofo, por essa sua teoria, termina por abrir espaço para que uma perspectiva, sem perder sua identidade e raízes, consiga se estabelecer em diálogo com outras, sendo possível rever-se, inclusive, enquanto perspectiva possível.

É necessário insistir na questão do diálogo, do termo “dialógico”, porque o filósofo alemão não se remete a ele, além de não encontrarmos a dialética presente em sua filosofia. Todavia, é possível tratar o dialógico em escala maior de relações entre perspectivas as mais diferentes, e tais relações, em muitos momentos, podem ser consideradas um diálogo.

Ora, para Nietzsche —e faz-se mister considerar isso a partir, principalmente, da sua obra capital, *Assim falou Zaratustra* (2003a), havendo menção também em *Além do bem e do mal* (1998)—, tudo não passa de vontade de potência (*Wille zur Macht*) interpretando, ou seja: todo ponto de vista é uma interpretação efetivada daquilo que é a vontade de potência, a saber, uma interpretação é uma configuração de forças (*Kräfte*) que se afirmam desse ou daquele modo.

Há em cada perspectiva de vida, em cada olhar, vontades-poderes que interpretam. Essas vontades-poderes que interpretam podem ser pessoas, mas toda vontade-poder, para o filósofo, se faz presente em tudo no mundo, já que o mundo não é outra coisa que vontade de potência (Nietzsche, 1998, p. 142-143. JGB/BM, § 36).

Para Nietzsche, tudo o que existe são relações de forças (*Kräfteverhältnisse*), às quais ele denomina vontade de potência. As “vontades-poderes” estão presentes em todas as coisas que existem, sendo que o poder é um “querer sem sujeito”, uma espécie de impulso (*Trieb*) nas e das vontades, o que torna sua filosofia uma filosofia explicitamente do devir, ou, dito de outra forma, uma filosofia dionisíaca, em que o foco é a transformação de tudo sem cessar, com uma base no pensamento do filósofo pré-socrático Heráclito. Então, ao se tratar da questão dialógica aqui neste texto, estar-se-ia tratando de interpretações e/ou perspectivas em Nietzsche, inserindo as relações de forças no mundo das relações dialógicas —e isso, é bom anotar, constitui uma novidade deste trabalho.

Isso remete ao fato de que cada qual se considera um interpretante, o que é dado a partir de uma interpretação da interpretação-conhecimento, ou seja: uma perspectiva-interpretação é uma ponta de um diálogo multiperspectivado. E este é o modo, como estamos defendendo aqui, que nos possibilita considerar o dialógico em Nietzsche: inserindo a compreensão como método nessa multiperspectivação.

Sua característica epistemológica é essa multiangulação a partir do perspectivismo. É uma epistemologia, uma teoria do conhecimento que requer que as perspectivas estejam em contínuas relações. E nisso se dá a comunicação enquanto discurso, debate, diálogo ampliado, linguagem e tudo o que daí emana.

Nietzsche e Paulo Freire

O diálogo, imprescindível, é a tônica do bom senso no geral e deveria ser assim na Academia. Entretanto, interesses outros tomam muitas vezes a frente na vida e nas decisões acadêmicas. Por isso, faz-se premente que a relação dialógica esteja sempre em pauta, principalmente entre os acadêmicos, visto que estamos falando de produtores de conhecimento científico em todas as áreas e disciplinas que os mesmos perfazem.

Mostra-se, aqui, a pertinência do uso do termo “dialógico” —e, ainda que pareça estarmos fugindo do foco, não se pode deixar de citar Paulo Freire,¹ que foi quem consagrou a expressão “dialógico”. Por isso, é comum que, na área da Educação, se trate de relações dialógicas remetendo-se a essa expressão freiriana.

Estariamos nós entrando em uma esfera confusa de discussão, tendo em conta que Nietzsche e Paulo Freire são muito distintos?

É certo que o primeiro é o filósofo mediante o qual o devir se faz presente e para

¹ Paulo Freire nasceu em Recife em 1921 e faleceu em 1997. Formou-se em Direito, porém dedicou sua vida ao magistério. Aplicou seu método de alfabetização de adultos com grande sucesso em 1962 e 63. Em 1964, ano do golpe militar, Freire foi acusado de subversão e preso por 72 dias. Depois disso, deixou o país como exilado. No Chile, escreveu seu livro mais conhecido: *Pedagogia do oprimido*, lançado em 1968. Tendo sido proibida, a obra permaneceu inédita no Brasil até 1974. Freire desenvolveu uma ampla reflexão sobre a educação, e o conjunto de seu trabalho goza de reconhecimento internacional: é o único brasileiro a figurar na lista dos 100 títulos mais listados nas ementas de cursos de universidades de língua inglesa, de acordo com pesquisa feita pelo projeto *Open Syllabus*. Ainda, um levantamento feito na plataforma *Google Scholar* por Elliott Green, professor associado da *London School of Economics*, dá conta de que *Pedagogia do oprimido* é a terceira obra mais citada no contexto da produção intelectual em ciências humanas. Ao longo da vida e também postumamente, recebeu 40 títulos de doutor *honoris causa* outorgados por instituições de diversas nacionalidades. Em 2012, Freire foi reconhecido como patrono da educação brasileira. Contudo, ainda é tido no Brasil como *persona non grata*, quando não odiado e violentamente combatido com proposições que se encontram em um espectro que vai da notável ignorância à patente desonestidade intelectual, por muitas pessoas e grupos que se declaram alinhados a uma orientação política de direita, a exemplo do movimento “Escola sem partido”.

o qual todo tipo de diálogo é possibilitado por relações interpretativas —e é bom que se deixe claro que dialogar não significa concordância, pois, por vezes, e não é raro isso acontecer, a discordância e um debate acalorado terminam por surgir. O importante é que o diálogo possibilite o contato em que as falas ou outras formas de linguagem tenham o seu lugar.

Em Paulo Freire, como se sabe, a leitura é outra, assumindo um cunho mais social e político, o que, no entanto, não torna os diálogos menos vívidos. Não é por acaso que esse pensador da Educação é considerado um educador por excelência, tendo promovido o diálogo na sociedade e não abrindo mão de suas lutas por conquistas sociais e políticas, como não poderia deixar de ser.

Todavia, Nietzsche, em sua filosofia, tem como ponto crucial a propositura de uma transvaloração dos valores para a sociedade e a partir de elementos culturais, o que implicaria uma mudança cultural muito grande em cada pessoa, assim como no âmbito maior de suas relações sociais. Destarte, até é possível arriscar afirmar que entre o filósofo Nietzsche e o educador Paulo Freire as relações entre os tipos humanos estão no centro de suas teorias. É isso que permite ver no perspectivismo de Nietzsche uma abertura para o diálogo e, portanto, uma teoria do conhecimento que poderia ser, sem problemas, a base de uma epistemologia da compreensão. O mesmo para Paulo Freire e a respeito do termo “dialógico”, pois, sem o diálogo, o conhecimento ficaria deveras ensimesmado.

A opção pelo debate sobre o pensamento de Nietzsche não se dá, de forma alguma, em detrimento de Paulo Freire. Também porque o perspectivismo do filósofo é a base para que posturas bem diferentes de mundo possam ser autônomas por um lado e, a um só tempo, interdependentes. Perspectivas autônomas para se afastar, nessas considerações, daquele relativismo incabível nesse espaço de reflexão. Interdependentes porque uma perspectiva só pode se afirmar mediante outras perspectivas. Não há uma “perspectiva em si”, algo que colocaria uma espécie de metafísica na discussão, o que não se almeja nessas abordagens (Nietzsche, 2002b, p. 159. Fragmentos finais 2[149]).

Dessa forma, a epistemologia da compreensão enquanto método é a chave para que se compreenda o quanto a compreensão, como multiperspectivista, multiangular, é indispensável para todo e qualquer desfecho dialógico.²

Essa costura entre Nietzsche e Paulo Freire não acontece forçosamente, uma vez que é a própria compreensão enquanto método que possibilita tais aproximações. Ao mesmo tempo —como é próprio do diálogo e que, talvez, muitos esqueçam, possibilita o que chamamos de distanciamentos, eixo de qualquer filosofia.

² Lembrando que a dialética não cabe na filosofia dionisíaca de Nietzsche. Todavia seu perspectivismo possibilita o diálogo multiperspectivista, multiangular. Ele é o filósofo da pluralidade, da diversidade, e não da dualidade

Sim, porque sem o necessário distanciamento e, inclusive, sem o necessário tempo, não se compreende muito bem a pauta de um diálogo. Por isso, nessas questões todas e na reflexão a respeito delas, está se tratando de uma exemplificação de como a compreensão enquanto método acontece e se faz viável.

A compreensão como conhecimento e método

Uma epistemologia nietzschiana da compreensão promove uma educação no conhecimento, no saber. A compreensão vem então perfazer-se enquanto um novo conhecimento que, ao mesmo tempo, transforma-se em método: ambos acontecem de forma tal que seria impossível separá-los, uma vez que se correria o risco de afetar tanto um, o conhecimento, quanto o outro, o método. Nesse caso, conhecimento e método, via compreensão, não se dissociam nunca.

E uma teoria do conhecimento que leve isso em consideração não poderia ser diferente. E não somente isso, pois não poderia sequer dissociar o conhecimento de sua própria teoria, o que remete à concepção de que Nietzsche criou um método, o perspectivismo, e de que, a partir do perspectivismo se alcança um refinamento do conhecimento e uma “objetividade” a respeito do que se pretende tratar, abordar, estudar. Colocamos a palavra objetividade entre aspas para acenar para a diferença entre o que Nietzsche entende por objetividade, no movimento de suas ideias filosóficas, e a concepção de objetividade dentro do paradigma ocidental clássico de pensamento.

Contudo, para que se efetive tal postura epistemológica —à qual se dirige o perspectivismo, na linha do que estamos tratando neste texto, como fundamentação do conhecimento via compreensão enquanto método—, o que se tem é uma epistemologia da compreensão como método, de modo que, ainda que a pessoa possa não concordar com certos pontos de angulação com os quais trava contato, há que continuar em sua própria perspectiva quando a situação exigir que não se adote uma outra perspectiva que descartaria a si mesma. Diz Nietzsche (2001a, p. 187-188. FW/GC, § 276):

[...] que pensamento deverá ser para mim razão, garantia de doçura de toda a vida que me resta! Quero cada vez mais aprender a ver como belo aquilo que é necessário nas coisas: — assim me tornarei um daqueles que fazem belas as coisas. *Amor fati* [amor ao destino]: seja este, doravante, o meu amor! Não quero fazer guerra ao que é feio. Não quero acusar nem mesmo os acusadores. Que a minha única negação seja *desviar o olhar!* E, tudo somado e em suma: quero ser, algum dia, apenas alguém que diz Sim!

O que se depreende dessa afirmação incondicional à vida em todas as suas necessidades? Nietzsche não somente compreende que existem coisas que não pode mudar e que isso precisa ser entendido, como enfrenta o desafio de dizer sim a tudo que lhe possa acontecer, sem atribuir as devidas responsabilidades a todas as angulações de vidas e pessoas, porém tomando a si como responsável

pela perspectiva que firmará perante tudo e todos, perante a própria vida e as incontáveis relações que ela promove. Que cada um siga aquilo que a vida lhe apresentar, sem negar perspectivas da existência e relações com o auxílio das quais cada qual atravessa essa “ponte”, melhor sentindo a própria vida como um “destino”, o próprio corpo como “destino”.

Com outras palavras, nada pode ser mais desafiante do que dizer um sim incondicional à vida (Nietzsche, 2014). A partir dessa postura levada para o campo da epistemologia, o que conta é se abrir às inúmeras perspectivas que as relações gnosiológicas exigem de quem se coloca nessas sendas. E, considerando a compreensão como método, trata-se de uma perspectiva que se entende como tal diante de outras perspectivas, ainda que não aceitando muitas delas. Se for o caso, convém “desviar o olhar”, pois cabe a cada pessoa em sua expressão cognitiva a responsabilidade sobre suas decisões.

Ainda que não seja o espectro teórico aqui perseguido, pode-se anotar que o existencialismo de Sartre (Leopoldo e Silva, 2013) não estaria muito longe disso. Pelo contrário. Inclusive, é algo que chama para uma relação maior entre liberdade e responsabilidade, o que não remete senão a uma ética da existência. Tal como ocorreria com a compreensão enquanto método e conhecimento, solicitando, portanto, de quem a queira compreender mais de perto, várias andanças pelas veredas que se delineiam sem cessar.

O conhecimento e sua característica deveniente também o promove a um conhecimento que nunca chega a um ponto final. Para Nietzsche não há finalidades no mundo, tudo acontece ao acaso. Além disso, o filósofo é avesso a tudo que se coloca como verdade absoluta, pois a própria noção de verdade é questionada por ele: *“Inimigos da verdade. —Convicções são inimigos da verdade mais perigosos que as mentiras”* (Nietzsche, 2001b, p.265. MA/HH, § 483). Possuir uma perspectiva não é fechar-se nela. O fechamento não promoveria o diálogo múltiplo, da compreensão enquanto conhecimento e como método, mas sim um movimento dialético viciado e sem abertura à diversidade.

Nesse sentido, o filósofo alemão critica todo tipo de sistema que se concebe como “unidade”, fechado em si, pois mesmo na filosofia de Nietzsche há “fios condutores” de interpretação. Ou seja, há um corpo teórico, que porém não se fecha para não se tornar uma “unidade”, pois o que existe é somente a multiplicidade, Isto é, não há nada fora do perspectivismo, da multiplicidade das perspectivas. Essas perspectivas podem “conversar” entre si, mas não constituem um mundo, uma espécie de unidade como algo à parte.

Por esse ângulo, a compreensão não se pretende um todo, um conhecimento fechado e sistemático. A compreensão, ainda mais como método, enseja possibilitar diálogos, interpretações que não se constituam como crença no

sentido dogmático, pois, para o filósofo:

[...] a crença *idiotiza* em todas e quaisquer circunstâncias, mesmo nos casos mais raros, de ela não *ser* isso, de ela ser desde o início uma crença inteligente. Toda crença prolongada *se torna*, por fim, idiotice, o que significa —para formulá-lo com a clareza dos nossos modernos psicólogos— que as suas razões se aprofundam “no inconsciente”, desaparecem lá dentro,—e daí por diante já não repousa mais em razões, porém em afetos (o que significa que, no caso de precisar de apoio, são os afetos que entram em luta e *não mais* as razões) (Nietzsche, 2002b, p. 161-162. Fragmentos finais 4[8]).

Interessante como Nietzsche (2003, p. 60. Za/ZA) coloca que são nossos afetos que interpretam tudo em nós. Por isso, o perspectivismo nietzschiano não é racionalista, e isso não significa, de modo algum, que não haja razão nele, já que a própria razão não passa de um brinquedo de sua grande razão, o corpo. É que o tipo humano, em sua querência de ser sujeito, termina por não se aceitar como uma pluralidade de afetos e, por fim, de não aceitar que os seus próprios pensamentos são disparados pelas relações de afetos no seu próprio corpo.

Nesse sentido, o pensamento que alguém tem em um determinado momento é o pensamento vitorioso sobre outros pensamentos disparados pelo corpo, o que dá ao humano uma sensação de estar no comando enquanto sujeito.

Ora, um conhecimento e método cuja base epistemológica é o perspectivismo de Nietzsche não poderá se desviar dessa interpretação de que também se perfaz de relações de afetos e de que, portanto, o próprio diálogo entre as áreas do conhecimento promovido pela compreensão enquanto conhecimento e método é uma multiplicidade de afetos. Segundo esse modo de sentir, chegar a uma “concordância” nunca será algo de alguma forma atingido por uma consciência do acordo, e sim porque algum ou alguns afetos se efetivaram no comando naquele momento de “concordância”.

Em suma, o que em geral se compreende como concordância é uma relação momentânea na hierarquia das relações de afetos, em que afetos mais fortes dominaram e dominam, o que pode ser modificado pelas próprias ações dos afetos através das pessoas que se entendem como “sujeitos” da ação de pensar, da ação de dialogar, da ação de estabelecer um “acordo”.

Todavia, continua valendo o diálogo perspectivista que toma como fundamento o perspectivismo de Nietzsche. Sua própria teoria do conhecimento é trasladada para tornar-se uma epistemologia da compreensão como conhecimento e método —e eis a novidade deste trabalho: a possibilidade de um novo olhar e sentir, em que a teoria do conhecimento parte dos afetos humanos para se colocar enquanto compreensão ou a ação de compreender.

Nesse caso, as relações de perspectivas, vale afirmar também relações de afetos, “desejam” uma potência maior de forças, pois perspectivas são, além do já visto,

forças em relações as mais diversas. Essas forças se constituem na compreensão entre as perspectivas, hierarquizando uma força de relação. Vingará o poder da relação e da compreensão, e não de uma unificação, uma unidade, possibilitando uma integração de perspectivas que terá a tonalidade de um *corpus*.

A compreensão dançarina

Para quem pretende enxergar da perspectiva de um *corpus*, não se pode deixar de lado o foco dionisíaco da filosofia de Nietzsche, o que remeteria a um *corpus* aberto. É a compreensão como devir, como comunicação fluida, e, portanto, dionisíaca. A compreensão enquanto perspectivismo em ação, mais as transformações incessantes mediante o fluir da vida: este é o caráter da compreensão que se faz presente nessa discussão do estabelecimento de uma epistemologia da compreensão como conhecimento e enquanto método também.

Nessa leitura, faz-se premente o entendimento de que tudo não passa de aparência, de um aparecer e desaparecer contínuos em todos os acontecimentos da existência, e também em termos de conhecimento, de áreas do saber em relações —e não poderia ser diferente. O modo de aparecer das áreas do saber é que muda nesse fluir, nesse devir que é o próprio mundo. Sendo assim, não é possível querer entender a compreensão, a partir de Nietzsche, fora dessas considerações de que tudo não passa de formas de aparecer. O próprio desaparecer é um modo de aparecer, isto é, tudo não passa de aparências possibilitadas pelo devir.

Aparência é, para mim, aquilo mesmo que atua e vive, que na zombaria de si mesmo chega ao ponto de me fazer sentir que tudo aqui é aparência, fogo fátuo, dança de espíritos e nada mais — que, entre todos esses sonhadores, também eu, o “homem do conhecimento”, danço a minha própria dança, que o homem do conhecimento é um recurso para prolongar a dança terrestre e, assim, está entre os mestres-de-cerimônia da existência, e que a sublime coerência e ligação de todos os conhecimentos é e será, talvez, o meio supremo de manter a universalidade do sonho e a mútua compreensibilidade de todos esses sonhadores, e, precisamente com isso, *a duração do sonho* (Nietzsche, 2001a, p. 92. FW/GC, § 54. Grifo do autor).

A compreensão enquanto conhecimento e método requer uma epistemologia que a considere como “dança” dentro do mundo acadêmico. Este, inserido no mundo como relações de forças, enquanto devinente-dionisíaco, por muito tempo deixou de reconhecer ao conhecimento sua condição de “dança”, sua constituição diversa e múltipla do devir, dessa dança, desse movimento que é a própria condição humana.

Nessa condição, a compreensão só pode ser possibilitada enquanto sonho. Afinal, tudo não passa de uma duração desse sonho, do sonho e da aventura do conhecer que o mundo possibilita ao tipo humano, desde que esse se compreenda como parte constituinte, não de um todo, mas de uma multiplicidade que é a sua própria existência no mundo e o mundo mesmo como sendo assim.

A compreensão não poderia fazer sentido mediante uma epistemologia nietzschiana da compreensão enquanto conhecimento e método, caso negasse a si mesma sua performance de “compreensão dançarina”, pois tudo o que não pertence ao “reino da dança”, “marcha pesado” e se coloca como sintomático de sistemas fechados em si, que se arvoram em suas verdades como se fossem eternas e absolutas.

Esta é a exigência de uma compreensão como método nas discussões deste espaço: expor-se como um conhecimento e método embasados no perspectivismo e no devir nietzschianos.

Considerações finais

Uma epistemologia da compreensão enquanto conhecimento e método é uma ousadia filosófica e, certamente, não deve ser algo muito comum dentro da área da Comunicação. Além disso, esta nossa abordagem é completamente realizada a partir da filosofia de Nietzsche, o que torna a ousadia mais fecunda, porque uma epistemologia nietzschiana da compreensão é uma teoria do conhecimento que considera as particularidades da filosofia de Nietzsche como eixos fundamentais para sua construção.

Nessa toada das reflexões que vêm se desenvolvendo é que segue a abertura para o que Nietzsche sempre considerou como seu *experimentalismo*. O humano, segundo ele, não faz outra coisa que experimentar o tempo todo de sua vida, de sua existência neste mundo, no qual ele próprio e o mundo se constituem como relações de forças e nada mais. Ou, para utilizar outro termo do filósofo alemão: vontade de potência.

A epistemologia da compreensão enquanto conhecimento e como método é uma experiência. Uma experiência do pensar, mas não qualquer experimento.

REFERÊNCIAS

- FREIRE, Paulo. 1994. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. 3.ed. São Paulo: Paz e Terra.
- FREIRE, Paulo. 1987. *Pedagogia do oprimido*. 17.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- MÜLLER-LAUTER, Wolfgang. 1997. *A doutrina da vontade de poder em Nietzsche*. Apresentação de Scarlett Marton e tradução de Oswaldo Giacoia Junior. São Paulo: Annablume (Coleção E; 6).

- LEOPOLDO E SILVA, Franklin. 2013. *Sartre e o humanismo*. São Paulo: Editora Barcarolla / Discurso Editorial (Convite à reflexão).
- NIETZSCHE, Friedrich. 2003a. *Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. Trad. Mário da Silva. 12.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. Convenção Internacional Colli/Montinari: Za/ZA.
- NIETZSCHE, Friedrich W. 2003b. *Escritos sobre educação*. Tradução, apresentação e notas de Noéli Correi de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio/ São Paulo: Loyola..
- NIETZSCHE, Friedrich W. 2002a. *Genealogia da moral: uma polêmica*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras,. Convenção Internacional Colli/Montinari: GM/GM.
- NIETZSCHE, Friedrich W. 2002b. *Fragments finais*. Organização, seleção e tradução de Flávio Kothe. Brasília DF/São Paulo: Editora Universidade de Brasília/ Imprensa Oficial do Estado de São Paulo.
- NIETZSCHE, Friedrich W. 2001a. *A gaia ciência*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, Convenção Internacional Colli/Montinari: FW/GC.
- NIETZSCHE, Friedrich W. 2001b. *Humano, demasiado humano: um livro para espíritos livres*. Trad. Paulo César de Souza. 3.reimp. São Paulo: Companhia das Letras, Convenção Internacional Colli/Montinari: MA/HH.
- NIETZSCHE, Friedrich W. 1998. *Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro*. 2.ed. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras. Convenção Internacional Colli/Montinari: JGB/BM.
- SOUSA, Mauro Araújo. 2014. *Nietzsche: viver intensamente, tornar-se o que se é*. 4.reimp. São Paulo: Editora Paulus.